

ATA DE REUNIÃO DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

Ata nº 113

Data: 03/06/2020

Participantes: Tony Ferreira Corrêa, Pedro Jorge Pinto Justino e Pricila dos Santos Lopes.

Convidados:

Às nove horas do dia 04 de junho de dois mil e vinte, atendendo a convocação, que fará parte integrante desta ata como anexo, reuniram-se os membros do Comitê abaixo assinados. Dando início aos trabalhos, a secretária procedeu à leitura da ordem do dia, constante da convocação, que passou a ser objeto de análise pelos presentes: INTERNACIONAL Observou-se ao longo do mês a reabertura de diversas economias relevantes, especialmente nos países do hemisfério norte, que coincidiu com o início do verão, fazendo com que a melhora substancial da atividade nessas regiões elevasse o otimismo dos investidores aos níveis máximos em quatro meses. Entretanto, a volta da atividade de comércio nas ruas trouxe a preocupação com um repique no número de novos casos de contágio pelo "coronavírus", fazendo com que alguns países retomassem o nível de alerta para uma possível segunda onda da pandemia. Nos EUA, o aumento da contaminação em alguns estados fez com que a curva de novos casos diários se elevasse de maneira expressiva, ultrapassando com sobras o pico anterior ao final do mês. Na Europa, diversos países que conseguiram conter a pandemia, agora sofrem com o aumento da taxa de contágios no auge do verão europeu. Em 11 países houve transmissão acelerada do vírus, na medida em o relaxamento das regras de distanciamento social se intensificavam. Por outro lado, a reabertura das atividades vem atendendo a necessidade de gerar emprego e renda a população, especialmente a parcela mais vulnerável que passou os últimos meses na dependência dos recursos públicos canalizados pelos programas emergenciais de distribuição da renda. O resultado são sinais claros da melhora significativa da atividade econômica, traduzidos em indicadores que retratam a retomada do crescimento de forma sustentável, apoiados pelos maciços programas de estímulos monetários promovidos pelos bancos centrais das principais economias mundiais. No Brasil, o número de casos de contágio e óbitos pelo "coronavírus" segue crescente, diante de um processo de reabertura econômica sem base científica na maioria das regiões do país, correndo o risco de sermos atingidos por uma segunda onda de contágios sem ao menos sairmos da primeira. Nem ao menos um titular para o Ministério da Saúde o país tem. O certo é que o país está no centro da desigualdade social. O resultado certamente será um acréscimo monstruoso de desempregados na estatística e um aumento da desigualdade social. O resultado certamente será uma recuperação da economia mais lenta por aqui, na comparação com as nações que de fato se preocupam com seus cidadãos. O viés otimista dos mercados de risco também teve respaldo na expectativa pelo desenvolvimento de uma vacina eficaz contra o "coronavírus" num prazo menor do que o esperado, diante de uma série de laboratórios em estágio avançado de ensaios com resultados promissores. EUROPA A atividade industrial na zona do euro mostra que ainda há uma contração, entretanto já é o nível mais alto de atividade dos últimos quatro meses do bloco. Conforme divulgou a agência IHS Markit, o índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) composto, que engloba o setor industrial e de serviços, avançou dos 31,9 pontos em maio para 48,5 pontos em junho, acima dos 47,5 pontos projetados pelo mercado, porém ainda abaixo da marca de 50 pontos que separa contração de expansão. Já o PMI de serviços subiu de 30,5 pontos para 48,3 pontos em junho. Os índices inflacionários mantêm a direção da estagnação dos preços. Conforme anunciou a agência Eurostat, o índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) da zona do euro subiu 0,3% em junho, na comparação anual, após avanço de 0,1% em maio. A inflação, porém, segue muito distante da meta de quase 2% do BCE. Apenas o núcleo do CPI do bloco, que exclui os preços de energia e de alimentos, subiu 0,3% em junho ante maio e registrou acréscimo anual de 0,8%. Conforme previsão da Comissão Europeia, o PIB da zona do Euro deve registrar uma contração de -8,7% este ano, diante do impacto econômico sem precedentes devido à crise gerada pela pandemia do "coronavírus". A nova previsão revela uma piora nas projeções anteriores. Em maio, a Comissão Europeia projetava o PIB da região fechando o ano em -7,7%. Para 2021, a Comissão prevê uma recuperação do PIB da ordem de 6,1%. Por países, a contração do PIB da França, Itália e Espanha, as principais economias do bloco depois da Alemanha, deve superar dois dígitos em 2020, a -10,6%, -11,2% e -10,9%, respectivamente, de acordo com as novas previsões. A previsão para a Alemanha é de contração de -6,3%. Em relação ao mercado de trabalho, a agência de estatísticas Eurostat divulgou que a taxa de desemprego da zona euro aumentou para 7,4% em maio. Trata-se do segundo mês seguido de alta, porém, o valor ficou abaixo da expectativa do mercado de 7,7%. EUA A produção industrial dos EUA cresceu 5,4% em junho, em relação a maio, alcançando um nível mais alto do que o esperado pelo mercado. Com a reabertura das fábricas dos EUA, a produção industrial foi capaz de se recuperar do declínio recorde de abril. Ainda assim, apesar dos recentes ganhos, o índice registra no segundo trimestre de 2020 uma queda de 42,6%, em relação ao mesmo período do ano passado. Trata-se da maior contração trimestral desde a Segunda Guerra Mundial. Após três meses seguidos de deflação, foi divulgado pelo Instituto de Estatística que o índice de preços ao consumidor - CPI subiu 0,6% em junho. O dado já reflete o relaxamento das medidas de lockdown que permitiram a reabertura de lojas e estabelecimentos comerciais. O núcleo da inflação, que exclui as categorias frequentemente voláteis de alimentos e energia, aumentaram 1,2% no ano, inalterados em relação ao mês passado. Do lado da demanda, o Departamento do Comércio dos EUA divulgou que as vendas no varejo avançaram 7,5% em junho. O número que representa as compras em lojas, restaurantes e e-commerce totalizaram US\$ 524,3 bilhões (cerca de R\$ 2,81 trilhões) no mês, aproximando-se aos níveis pré-pandêmicos. O aumento foi impulsionado por uma retomada nas vendas de automóveis, móveis, roupas e eletrônicos, já que os consumidores voltaram às lojas após a reabertura da economia. Em relação ao mercado de trabalho norte-americano, o Departamento do Trabalho divulgou a criação de 4,8 milhões de vagas de emprego em junho. O resultado superou a expectativa de economistas, que esperavam a geração de 2,9 milhões de vagas no período. Assim, a taxa de desemprego no país caiu para 11,1% em junho ante 13,3% em maio. A expectativa era que a taxa recuasse para 12,4%. Com esses números, o país contabiliza 15,8 milhões de pessoas desempregadas. Conforme previsão do FMI - Fundo Monetário Internacional, o PIB norte-americano

deve contrair -37% anuais no 2º trimestre, e uma recuperação nos trimestres seguintes até fechar o ano com contração de -6.6%. Segundo o órgão, uma segunda onda de contágios pelo "coronavírus" exigirá uma nova rodada de medidas fiscais nos próximos meses para estimular a demanda, aumentar a preparação do setor de saúde e apoiar os mais vulneráveis, destacando que o país tem espaço fiscal e isso deve ser implantado rapidamente para acelerar a recuperação após a contração do segundo trimestre. ÁSIA Na região da Ásia Oriental, a primeira a enfrentar os problemas oriundos da contaminação pelo "coronavírus" e também a primeira a retomar o comércio, os números da atividade seguem crescentes. Conforme informou a agência Caixin/Markit, o índice de gerente de compras (PMI, na sigla em inglês) industrial chinês subiu a 55,7 pontos em junho, de 53,4 pontos no mês anterior. De acordo com o relatório, a oferta e a demanda interna e externa se recuperaram na China. E, apesar de ressurgir em alguns lugares específicos, a pandemia permaneceu sob controle no país. A retomada do setor de serviços foi acelerada, com o indicador atingindo sua maior alta em dez anos, aos 58,4 pontos no mês de junho. Já o PMI da indústria subiu de 50,7 pontos em maio para 51,2 pontos em junho. A Agência Nacional de Estatísticas informou que a produção industrial chinesa acelerou a 4,8% em junho na comparação com maio do ano passado, e terceiro mês consecutivo de expansão, após alta de 4,4% em maio. Enquanto as vendas no varejo recuaram -3,9% no segundo trimestre frente ao mesmo período do ano anterior, com a população ainda reticente. No Japão, foi revelado que o PMI composto, que agrega dados sobre a atividade dos setores industrial e de serviços avançou para 40,8 pontos em junho, de 27,8 pontos em maio. A versão preliminar havia mostrado alta para 37,9 pontos. Destaque para o PMI sobre a atividade do setor de serviços do Japão, que subiu para 45,0 pontos em junho, de 26,5 pontos em maio, de acordo com dados revisados divulgados pelo instituto de pesquisas IHS Markit e pelo Jibun Bank. Os dados indicam que o final do estado de emergência vem melhorando a mobilidade social e incentivando uma retomada lenta da atividade econômica. Conforme previsão do BoJ, o banco central japonês, a economia do país encolherá -4,7% no ano fiscal de 2020, que termina em março de 2021, e crescerá 3,3% no ano fiscal de 2021, com expectativas de que atividades econômicas retornarão gradualmente aos níveis pré-pandemia. MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se próxima ao normal após o FED manter o juro próximo de zero e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento. Os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 0,641% ao ano no final maio, avançaram 0,02 pontos base no fechamento de junho para o nível em torno de 0,658% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos avançou para 1,413% ao ano em junho, uma alta de 0,1 pontos base em relação ao fechamento de maio. Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,602% ao ano em no fechamento de junho, uma alta de 0,11 pontos em relação a maio. Para as bolsas de valores internacionais o movimento foi de valorizações diante da maior clareza sobre a retomada do crescimento da economia global. Enquanto a bolsa alemã (Dax) avançou 6,25%, a inglesa (FTSE 100) subiu 1,53%, a do Japão (Nikkei 225) registrou alta de 1,86% e a americana (S&P 500) valorizou 1,84%. No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent para outubro/20 registrou uma alta de 16,5% no mês, a US\$ 41,15 o barril, enquanto o WTI para setembro/20, avançou 10,7%, cotado a US\$ 39,27 o barril. O avanço no preço do óleo ocorre após o acordo de corte na produção pela OPEP+, além de declínios acentuados na produção de outros produtores, liderados pelos EUA e Canadá, em resposta ao colapso na demanda sem precedentes. NACIONAL ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do PIB, registrou uma alta de 1,31% no mês de maio ante abril, revelou o Banco Central, refletindo uma leve recuperação depois da forte retração da atividade por conta da pandemia pelo "coronavírus". O número decepcionou, na medida em que o mercado projetava alta de 4,5% na comparação mensal. Apesar de reportar crescimento em maio, a economia brasileira ainda não se recuperou do tombo registrado nos meses anteriores. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, o indicador teve queda de 14,24%. A taxa de desemprego no Brasil avançou para 12,9% no trimestre encerrado em maio, atingindo 12,7 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad Contínua divulgados pelo IBGE. A taxa é ligeiramente superior a registrada no trimestre encerrado em abril, de 12,6%, e mostra parte dos efeitos da crise econômica causada pela pandemia pelo "coronavírus" no mercado de trabalho brasileiro. O desemprego só não tem sido maior porque muita gente simplesmente deixou de procurar trabalho ou não estavam disponíveis para trabalhar em meio à pandemia. SETOR PÚBLICO Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 131,4 bilhões em maio, o maior déficit já registrado na série histórica, iniciada em dezembro de 2001, em um reflexo dramático dos impactos da crise provocado pela pandemia no front fiscal. No ano, o déficit primário acumulado do setor público consolidado atingiu R\$ 214 bilhões. Apesar da meta original para este ano estar fixada em R\$ 124 bilhões, ou 1,6% do PIB, com o aumento de despesas públicas em função da pandemia pelo "coronavírus" o Tesouro Nacional revisou as estimativas para a atividade econômica em 2020, e espera um déficit primário do setor público de R\$ 708,7 bilhões em 2020. O valor corresponde a 9,9% do PIB. A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS, voltou a subir em maio e totalizou 81,9% do PIB, somando R\$ 5,929 trilhões, conforme divulgou o Bacen. Esse dado representa um aumento de R\$ 111 bilhões em relação a abril, quando a dívida bruta estava em 79,8% do PIB. As estimativas do mercado convergem para uma disparada na dívida pública este ano em função do aumento de gastos com as medidas emergenciais de ajuda aos mais necessitados. É crescente o número de previsões esperando que a dívida ultrapasse o patamar de 95% do PIB, quase o dobro da média dos países emergentes. INFLAÇÃO O IBGE divulgou que o IPCA avançou 0,26% em junho, após uma queda de -0,38% no mês anterior. No ano, o índice acumula alta de 0,10%, e nos últimos 12 meses, de 2,13%, abaixo do piso da meta de inflação definido pelo Bacen, de 2,50%. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, sete apresentaram alta em junho. O maior impacto (contribuição de 0,08 ponto no IPCA) veio de alimentação e bebidas que variou 0,38%, acelerando em relação ao resultado de maio, de 0,24%. A segunda maior contribuição (0,06 ponto no IPCA) veio dos transportes, cujos preços subiram 0,31% após a queda de -1,90% em maio. Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a variação da cesta de consumo de famílias com renda de até cinco salários mínimos e chefadas por assalariados, registrou inflação de 0,30% em junho, após registrar alta de -0,25% em maio. Como resultado, o índice acumulou uma elevação de 0,36% no ano e 2,35% em doze meses. CÂMBIO E SETOR EXTERNO O dólar comercial encerrou o mês de junho com alta de 1,87%, cotado a R\$ 5,440 na venda, em meio à deterioração das contas públicas devido ao elevado custo social produzido pela pandemia do "coronavírus", e os temores dos impactos da crise por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou

35,56%. Em maio, as transações correntes apresentaram superávit de US\$ 1,3 bilhões em termos nominais, o terceiro número positivo consecutivo. O déficit acumulado nos cinco primeiros meses do ano de 2020 somou US\$11,3 bilhões. Em 12 meses, o déficit em transações correntes somou US\$ 42,4 bilhões (2,54% do PIB). O estoque de reservas internacionais atingiu US\$ 347,7 bilhões em maio. O aumento de US\$ 6,4 bilhões, relativamente à posição de abril, decorreu principalmente da liquidação de US\$ 5,5 bilhões em intervenções no mercado de câmbio, compostas por US\$ 520 milhões em vendas à vista, US\$ 3,8 bilhões de concessões líquidas em linhas com recompra, e US\$ 2,2 bilhões em retornos líquidos nas operações compromissadas em moeda estrangeira. Conforme divulgou a Secretaria do Comércio Exterior do Ministério da Economia, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 7,463 em junho. O valor indica um crescimento de 25,6% em comparação a junho de 2019, além de um recorde para o mês, desde 1989. Com o resultado, a balança comercial acumula superávit de US\$ 23,035 bilhões neste ano. As exportações recuaram para US\$ 17,912 bilhões, enquanto as importações somaram US\$ 10,449. RENDA FIXA Para o mercado de renda fixa, a decisão do Copom em reduzir a taxa Selic em mais 75 pontos base, levando a taxa para o menor patamar da série histórica, aos 2,25% ao ano, corroborou com a percepção dos investidores e alimentou a valorização dos ativos. Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de maio acabou sendo os pós-fixados atrelados a inflação. O IDKa IPCA 20A, que reflete a variação dos contratos prazos mais longos, valorizou 4,18%, seguido pelo IMA-B 5 + e pelo IMA-B, que valorizaram 2,84% e 2,05%, respectivamente. Dos ativos atrelados a taxas pré-fixadas, o melhor desempenho foi do IRF-M 1+, que valorizou 1,04%. Já o CDI variou 0,21% no período. RENDA VARIÁVEL Para o Ibovespa, o mês foi de manutenção do movimento de recuperação parcial das fortes perdas observadas nos meses de março e abril. Mesmo com o avanço da pandemia pelo Brasil, o mercado financeiro acompanhou o desempenho externo. O Ibovespa espelhou, em parte, os ganhos das bolsas no exterior, mas principalmente a melhora de uma série de indicadores da economia doméstica. Ao final do mês de maio, o Ibovespa avançou 8,75%, reduzindo a desvalorização no ano para -17,80%. O índice encerrou o mês aos 95.055 pontos. PERSPECTIVAS O mês de junho foi pautado pela evolução positiva da pandemia no velho continente e na Ásia, apesar da preocupação com uma possível segunda onda de contágios devido à reabertura gradual das atividades, que colocou um grande contingente de pessoas na rua expostas ao vírus que ainda circula. Os indicadores mais recentes da saúde econômica dos países já permitem afirmar que a reabertura das atividades destravou a economia, ainda que a normalidade ainda esteja longe de ser atingida. A maior fonte de preocupação continua sendo nas Américas do Sul, Central e do Norte, onde o contágio e o número de óbitos seguem na direção ascendente. No Brasil, a disseminação do contágio pelo interior do país, ainda que nas principais regiões a escalada do contágio tenha regredido, manteve o número de novos casos em patamares elevados e a retomada da atividade como um todo ainda um tanto reduzida. A economia doméstica continua ainda muito fraca, com a demanda agregada reduzida e um nível de ociosidade elevado. Contudo, embora repletos de incertezas por todos os lados, os dados recentes de atividade e demanda começam a se consolidar e parece que a situação parou de piorar. Nada que nos afaste de um cenário ruim, contudo nos parece que já há luz no final do túnel, a depender da evolução do contágio. O cenário provável indica que a economia brasileira recuará na casa dos 6%, e a taxa de desemprego progredirá mais alguns pontos, dado que o final do programa de manutenção do emprego e renda está próximo e forçará pequenos e médios empresários a rever seus negócios, colocando assim mais pessoas na fila do desemprego. A boa notícia, caso retomemos aos rumos pré-pandemia, é que a reação que se prevê na atividade econômica iniciar já em meados do terceiro trimestre, avance e se consolide em 2021. Nessa hipótese, o mercado de trabalho reagirá à frente. Do lado fiscal, os efeitos da pandemia são devastadores. A disciplina fiscal foi abortada, e as previsões são de que o déficit primário atinja um número próximo dos R\$ 800,0 bilhões em 2020, até certo ponto compreensível diante da situação. Entretanto, a sociedade (leia-se "instituições") terá que trabalhar duro para que possamos retornar a uma situação de equilíbrio fiscal, notadamente nas questões que envolvem as reformas que deverão tramitar no Congresso, com destaque para as reformas tributária e administrativa. Caso contrário, estaremos sujeitos a dificuldades em nos financiar com eventual aumento dos prêmios solicitados pelos investidores para rolar a dívida mobiliária. No momento temos a vantagem das taxas de juros se situarem em patamares baixos, mas em um ambiente onde há risco de solvência é a situação passa a ser totalmente adversa. Com base nesse cenário, mantemos nossa recomendação de acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Somente movimentar os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes, e que sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDKa IPCA 2A). Os demais recursos permanecem em "quarentena" esperando um melhor momento para realocar. Tomar decisões precipitadas pode ensejar uma perda decorrente da desvalorização dos investimentos sem possibilidades de recuperar na retomada do mercado. Para aqueles que enxergam, assim como nós, que estamos diante de uma excelente oportunidade para investir recursos de longo prazo a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão. **Análise do fluxo de caixa do mês corrente:** O Presidente apresentou o fluxo de caixa para o mês corrente constante no Balancete de maio de 2020. Nos dias 01 a 30 ocorrerão pagamentos de despesas com a folha do RPPS e prestadores de serviços. A totalidade dos membros presentes decidiram que os recursos para fazer frente aos compromissos no mês deverão ser resgatados do Fundo IRF-M1 ou PERFIL do Banco do Brasil. **Assuntos gerais:** Nada mais havendo a ser tratado, foi finalizada a reunião. E para constar, lavei a presente Ata que assino e os demais.  , 